

**ARTE**

**EM**

**MADEIRA**

**Escultores de Divinópolis - MG**

sala  
do artista popular

Instituto Nacional do Folclore  
Rua do Catete, 179 - Rio de Janeiro - RJ  
(em frente à estação Metrô-Catete)

MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação Nacional de Arte

Presidente: *Ziraldo Alves Pinto*

Diretora-Executiva: *Maria Luiza Librandi*

Instituto Nacional do Folclore

Diretora: *Amália Lucy Geisel*

Colaboração:

Prefeitura Municipal de Divinópolis, MG

Casa de Cultura São Saruê, Rio de Janeiro, RJ

Comissão Responsável pela Sala do Artista Popular:

*Ana M. Heye* (Coordenação)

*Elizabeth Travassos*

*Maria Helena Torres*

*Marina de Mello e Souza*

*Ricardo Gomes Lima*

Fotos: Foto Kênia – Divinópolis, MG

Capa e arte-final:

*Sonia M. de Moraes Pitombo*

Exposição e vendas: 4 de março a 4 de abril de 1986

## APRESENTAÇÃO

A Sala do Artista Popular tem a satisfação de inaugurar sua 22ª exposição, apresentando seis escultores de Divinópolis, mostra parcial, embora extremamente significativa. Existem, na mesma cidade, outros artistas exercendo sua criatividade através da madeira, provavelmente incentivados pelo exemplo de G.T.O.

Agradecemos a colaboração de Lázaro Barreto, da Comissão Mineira de Folclore, Domingos Diniz, da Fundação Municipal de Educação e Cultura de Divinópolis e Comissão Mineira de Folclore e de Juarez Moreira da Silva que responde, atualmente, pela Diretoria da Associação dos Artesãos de Divinópolis, que organizaram esta exposição, naquela cidade.

Agradecemos, igualmente, o apoio aos artistas, prestados pela Prefeitura Municipal de Divinópolis, MG, e pela Casa de Cultura São Saruê, no Rio de Janeiro.

Completando o terceiro ano de funcionamento, a Sala do Artista Popular objetiva manter um espaço aberto a artistas populares do país, procurando contar sempre com a participação de outras instituições, mobilizadas através do interesse comum pela cultura popular.

*Amália Lucy Geisel*  
Diretora do INF

## ARTE EM MADEIRA – escultores de Divinópolis, MG

*Lázaro Barreto*

O prodigioso surto artesanal em esculturas de madeira, de Divinópolis, (mais de uma dezena de autores de estilos diferentes) certamente se explica diante do papel pioneiro de GTO (Geraldo Teles de Oliveira), na década de 1960, quando se projetou nas galerias e na imprensa das grandes cidades como um verdadeiro artista e não apenas um simples artesão. O impacto se aguçou em virtude das condições processuais, diria a quase geração espontânea, de seu aparecimento. Ele se fez artista de uma hora para a outra, nunca em sua vida quedara-se diante de uma obra de arte com fins de estudo ou deleite. Mas deve ter sido sempre um artista na vida e, até hoje, com quase setenta anos de idade, parece uma criança ingênua e pura em toda a transparência da autenticidade.

Seu sucesso pode não ter determinado o surgimento dos outros, mas, pelo menos, o favoreceu. Fosse um artesão comum, sem maiores ressonâncias de crítica e de público, sua obra jamais atingiria a proporção paradigmática; acabaria iluminando a própria esfera. Já em 1986, a poeta portuguesa Ana Hatherly, enaltecia sua originalidade, reconhecendo que ele não tinha ascendentes como a maioria dos artistas de todos os tempos. E assim ele é: a estranha simbiose do primitivo e do criador, como ele próprio fala e repete. Com toda a força que ganhou e preservou desde a infância, de homem puro e livre, entregue à própria sorte

neste vasto e misterioso mundo, ele se tornou, em Divinópolis, o precursor, não de um estilo, mas de uma práxis e instaurou, como Vitalino na cerâmica de Caruaru, uma prodigiosa descendência.

Os outros, certamente mirando-se em seu exemplo, perceberam que podiam passar do sonho à realidade, da teoria mental à prática manual. E desandaram a aprontar seus artifícios, perseguindo o que lhes perseguia, nas andanças e no repouso, depois do êxodo rural.

Sabemos que o homem da roça não se preocupa em criar as coisas da natureza, pois tem as paisagens, os seres, as graças e os mistérios, os morros abaixo-e-acima, as planúrias, tudo ao alcance das mãos e dos pés. Mas, quando vem para a cidade, trazido pelas necessidades circunstanciais, sente a diferença, a paisagem não é a mesma, o frio e o calor são diferentes. Sente a falta da aura, da árvore, do pássaro e da linguagem sensual das coisas naturais. Aí o desejo da recriação começa a materializar-se dos confins do sonho — é a nostalgia da beleza perdida, o desejo de recuperá-la, ao menos, artificial e precariamente. Se há um GTO para abrir o caminho, o projeto onírico pode viabilizar-se.

Os outros escultores desta Mostra são também oriundos da roça, menos Geraldo Fernandes de Oliveira, neto de GTO, que parece captar e transmitir com muita fidelidade

o estilo do avô, do qual vem absorvendo desde a infância o processo de execução (não só as lucubrações mentais, mas também a forma do risco e do relevo das peças carregadas de veracidade e beleza), como se, depois de tanto o acompanhar, conseguisse aprender de uma maneira íntima, incorporando, por assim dizer, uma parte disponível da personalidade mais particular do avô. O mesmo não acontece com Mário Pereira Teles (filho de GTO, tio de Geraldo), seu trabalho é mais elaborado, as formas são mais lineares, seu discurso é mais trabalhado no sentido da transparência.

Na roça, a habilidade manual chega a ser uma questão de sobrevivência. Não tendo como, nem onde comprar as coisas, o jeito é fazê-las com as próprias mãos, empregando os materiais disponíveis. E a madeira é o material mais disponível que há em qualquer parte da roça (é pena que agora as indústrias estejam levando adiante a implacável tarefa de limpar do mapa todos os matos do mundo). Sempre é necessário armar um fogão, um jirau no canto interno da parede, lavrar uma peça de casa ou de cerca, escalavrar um fueiro de carro-de-bois ou um cabo de ferramenta, isso para não falar das tramelas, dos cambões, dos cochos e outros produtos mais afeitos às habilidades dos carapinas.

Nenhum dos artesãos desta Mostra exerceu, propriamente, a profissão de carapina. (José Adão Fialho é ferroviário aposentado, Jadir João Egídio aposentou-se como carroceiro, e Francisco Assis da Silva é pescador diletante e ajudante de pedreiro.) Nunca tentaram obter da madeira a sua utilidade prática. Entretanto, todos sabem fazer as coisas, consertar algo na casa e no quintal, levantar uma parreira de uva, colocar paralelepípedos na rua, conversar sobre venturas e desventuras. Não tiveram outros horizontes (em-

bora o Mário começasse como pintor e o Francisco seja exímio fazedor de peças em barro e cimento), seguiram sempre os caminhos de pequenas alegrias e padecimentos como todas as pessoas do povo. Mas lembram-se do passado, percebem a possibilidade de recriar o que perdem, a cada dia, na vida da cidade. Assumiram a coragem de jogar com os dados imprevisíveis como quem faz coisas sérias brincando.

O homem da roça tem que traçar seus próprios caminhos, armar esparrelas, amansar animais, providenciar alternativas de vestuário e de alimentação.

Eles são veementes portadores da memória cultural de uma época e de uma região geográfica. Utilizam a inata capacidade de transformar as coisas naturais em coisas de serventia, acrescentando em cada uma delas sua visão e sentimento particular, uma riqueza que resgatam da timidez e do sonho. Assim, avançam a linha dos comportamentos padronizados, testemunham em voz alta o seu medo, apontam para os lados do perigo e da beleza, lançam hipóteses sobre a verdade consentida, arrisgam palpites sobre as categorias morais que reproduzem formas e conteúdos de vida banal e submissa. Sabem dar forma às coisas que pensam e sonham. E sobre a trabalhosa forma material derramam um pouco (ou muito?) de pensamento e de alma.



Geraldo Teles de Oliveira – GTO

### **GERALDO TELES DE OLIVEIRA (GTO)**

Nasceu no município de Itapeçerica, MG, em 1911. É casado, tem 2 filhos, 7 netos e 6 bisnetos. Mora em Divinópolis desde 1951, onde exerceu a profissão de guarda noturno até 1965, quando começou a esculpir madeira. Aconteceu quando estava doente e desempregado, a família passando sérias dificuldades financeiras. Ele sonhava que estava construindo uma igreja no interior de uma tora de cedro. Não parou de sonhar com a visão enquanto não pegou um canivete e construiu, na madeira, a igreja.

Hoje ainda sonha (enquanto não faz o que sonha, não pára de sonhar), mas também esculpe movido pela intenção. Por isso se julga primitivo e criador. Já produziu quase 4.000 peças, que estão espalhadas pelo mundo. Trabalha em casa, compra a madeira numa serraria e seus trabalhos caracterizam-se pelo sentido dinâmico das figuras (em rodas, correntes e figuras aglomeradas no sentido vertical).



Mário Pereira Teles

## MÁRIO PEREIRA TELES

É filho de GTO, mora em Divinópolis, à Rua Rubi, nº 80. Tem 43 anos, casado, 3 filhos, é funcionário público e só trabalha na madeira à noite e nos fins de semana.

Começou a esculpir em 1971, mas desde pequeno acentava a vocação da arte. Quando seu pai começou a esculpir (1967), ele já pintava seus quadros e fazia outros tipos de trabalhos artesanais – jogos e brinquedos. Trabalha em casa, de preferência em cedro, mogno e vinhático, madeiras que compra nas madeireiras e serrarias. Já produziu cerca de 1.500 peças, que vende nas galerias e nas feiras dominicais da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

Considera a obra de arte como coisa sagrada. O tipo de escultura que mais prefere fazer é a de inspiração fantástica e a que aproveita motivos folclóricos. Foi muito incentivado pelo pai, mas não sofreu sua influência de estilo.

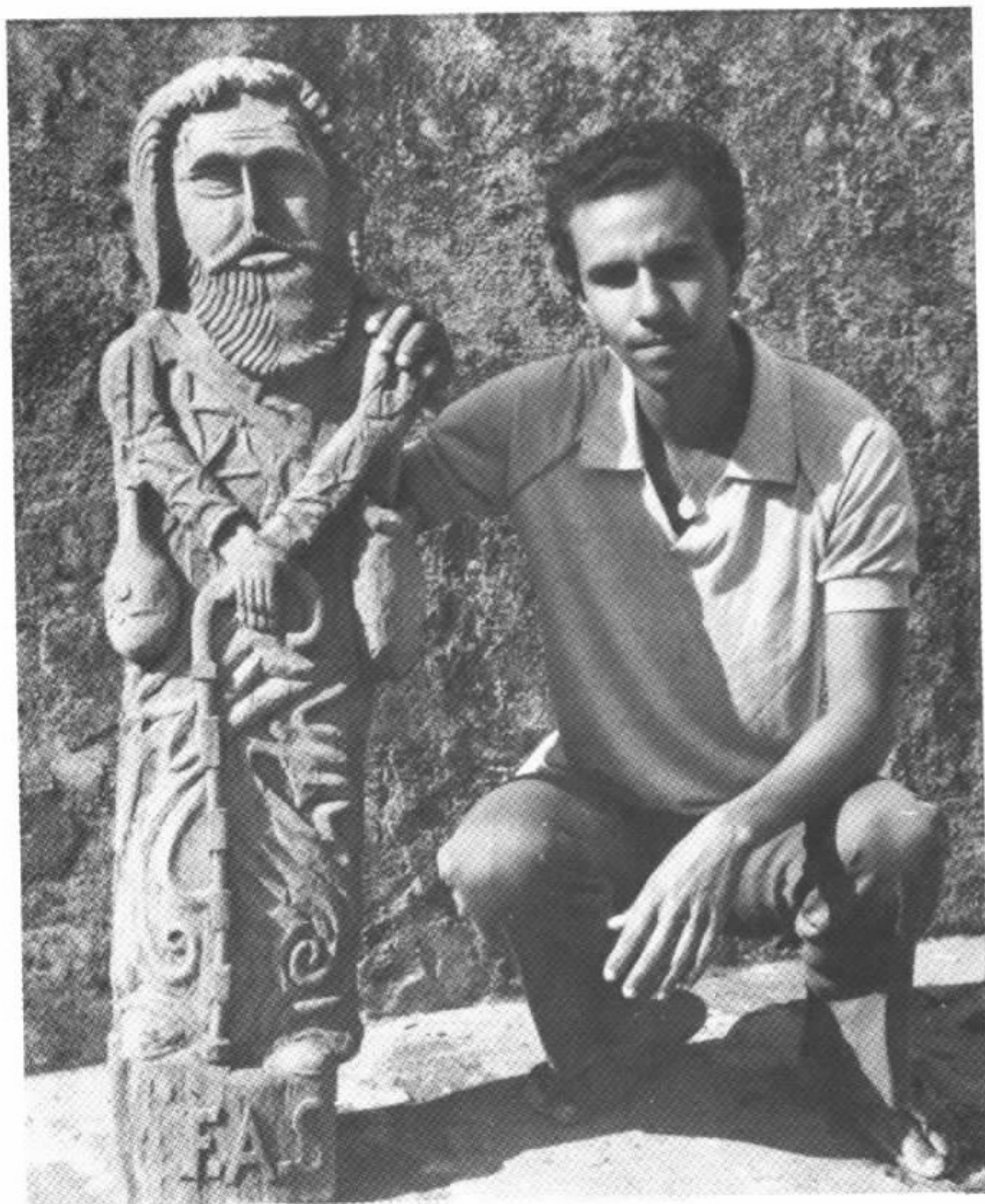


Geraldo Fernandes de Oliveira

## GERALDO FERNANDES DE OLIVEIRA

Tem 22 anos, solteiro (espera casar em breve). Mora com o pai, na Rua Rubi, 283, Divinópolis. Desde que começou a esculpir, em 1979, já produziu mais de 200 peças que vende em casa e na Praça do Santuário, aos domingos, juntamente com outros artesãos da cidade.

Neto de GTO, vendo o avô trabalhar, desde criança foi se interessando a ponto de, às vezes, ficar fascinado quando via as formas mais diferentes brotarem de um simples bloco de madeira. De tanto ver e se interessar, acabou aprendendo, sem dar muito trabalho ao avô. Possui um estilo parecido com o de GTO; gosta, como ele, de esculpir rodas com agrupamentos humanos, mas as peças nunca se confundem porque tem o hábito de polir mais a superfície da madeira, e também porque, como diz: "Igual ao pai (assim chama o avô) só ele mesmo."



## FRANCISCO ASSIS DA SILVA

Tem 25 anos, é solteiro, trabalha como servente de pedreiro, mora na Rua do Ferro, 55, Divinópolis, onde nasceu. Há cinco anos que esculpe, e nem sabe explicar porque começou e porque continua. No início, gravava figuras em troncos de árvores do quintal – símbolos exotéricos, figuras fantásticas –, depois resolveu modelar figuras em argila e daí passou a trabalhar em cimento armado (a frente da casa de seu pai, onde mora, está cheia de estátuas de imperadores romanos e profetas bíblicos). Só mais recentemente passou a dedicar-se ao trabalho em madeira, mas ainda faz peças de barro e de cimento armado, tudo instintivamente. Nunca viu uma pessoa esculpir o que quer que seja.

Aproveita pedaços de madeira, que procura no mato (pequi, peroba, cedro, etc.), e transfere do papel, no qual desenha antes, as figuras para os tocos rústicos. Acha tudo um mistério, não sabe explicar o que produz.

Francisco Assis da Silva



Jadir João Egídio

## JADIR JOÃO EGÍDIO

É aposentado. Trabalhava como carroceiro, tendo sofrido um acidente, que quase o deixou aleijado. Tem 53 anos, é casado e tem 4 filhos. Nasceu na área rural do município de Divinópolis, mas há mais de 20 anos mora na cidade.

Começou a esculpir em 1977, movido por um impulso semelhante ao de GTO. Sentiu que estava ficando doido e quando percebeu estava lavrando pequenas toras e delas fazendo objetos e figuras. Até hoje ele sente esta necessidade de exprimir alguma coisa que fica engasgada no coração. O exercício do artesanato para ele é como uma purgação: “Tenho que pôr as coisas para fora, senão fico doente.”

Trabalha em casa – já produziu mais de 500 peças –, utilizando madeira ganha dos amigos e mesmo de feixes de lenha que sua esposa traz do mato. Gosta muito de fazer santos e figuras folclóricas bem como homenagear entes queridos já falecidos.

## JOSÉ ADÃO FIALHO

Nasceu na cidade de Carmo do Cajuru, mas reside na rua Ilicínea, 751, em Divinópolis, desde 1965. É casado, tem 3 filhos e está aposentado. Começou a esculpir em 1979 e justifica o fato dizendo que desde pequeno gostava de burilar, com faca e canivete, qualquer pedaço de pau, fosse um simples graveto ou mesmo uma lasca de tábua.

Depois que se aposentou, pôde dedicar-se mais ao artesanato, agora imbuído de um senso quase profissional. Trabalha mais em jacarandá, mas gosta também da aroeira, do vinhático e da sucupira, madeiras que ele procura nas matas e cerrados próximos a Divinópolis. O que vende ajuda no orçamento doméstico, mas a arte para ele é muito mais prazer do que obrigação (profissão). Uma particularidade: só trabalha com ferramentas que ele mesmo fabrica, também artesanalmente — faca, canivete, formão, macete, entre outras.



José Adão Fialho

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE  
Instituto Nacional do Folclore